

RESENHA

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz et al. **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. São Paulo: Parábola, 2018. 334p.

Com sua primeira edição sendo lançada em 2018, *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval* é escrito por quatro pesquisadores - três da área de Letras (Leonardo Lennertz Marcotulio, Célia Regina dos Santos Lopes e Thiago Laurentino de Oliveira) e um de História (Mário Jorge da Motta Bastos) -, todos com ampla formação acadêmica e atuação profissional, exercendo a docência em duas universidades federais do estado do Rio de Janeiro (UFRJ e UFF). O título foi lançado pela editora paulista Parábola, sendo a mais recente adição à coleção Linguagem.

A obra tem como objetivo principal servir como forma de preparar discentes do curso de Letras para a leitura e interpretação crítica de textos medievais, não sendo, portanto, um tratado sobre o português medieval ou mais uma obra na área da linguística histórica, ainda que seja listado como tal em algumas bases de indexação bibliográfica, que trata sobre a formação da nossa língua. Por este motivo, a obra pode ser considerada inédita e original, uma vez que os manuais de crítica textual e filologia existentes não abordam tal questão.

Os autores partem de uma crítica bastante importante: muitos dos livros que nos auxiliam a entender a história do português têm um foco maior nos fatos relativos a ela do que na leitura dos textos de períodos antigos. A visão tida por eles, então, é inversa à que tradicionalmente vemos: parte-se primeiro do texto para, somente então, analisar questões linguísticas e aspectos históricos.

Antes de analisarmos o conteúdo propriamente dito, achamos de bom tom mencionar que *Filologia, história e língua* oferece ao leitor uma série de suportes para complementar a leitura, que inclui uma lista de símbolos fonético-fonológicos, com base no Alfabeto Fonético Internacional (auxiliando a reconhecer os fonemas latinos e portugueses) e um glossário (que oferece, com recomendações de leituras em sites na internet, a definição de abreviaturas e termos de difícil entendimento encontrados ao longo da obra). Os autores também propõem ao leitor uma sugestão de locais online em que interessados podem entrar em contato com *corpora* de textos medievais portugueses, selecionando, como foco, o período entre os séculos XIII e XVI. Essas sugestões são importantes, uma vez que possibilitam o aprofundamento dos estudos por parte dos leitores e interessados. Por outro lado, também é apresentada uma

coletânea de edições diplomáticas, isto é, uma edição que reproduz fielmente um texto manuscrito ou impresso, sem qualquer tipo de correção de erros ou adaptação ortográfica ou inclusão de sinais de intervenção. Por último, julgamos como essencial a inclusão de 23 atividades para serem realizadas. Isso mostra uma louvável preocupação dos pesquisadores em articular teoria e prática, uma vez que as questões fazem referência a conteúdos abordados nos capítulos.

O livro é dividido em duas partes, num total de seis capítulos e 334 páginas (aqui, incluímos os elementos pré e pós-textuais). A primeira, *O labor filológico*, propõe um olhar sobre a reconstrução de textos e é dividida em dois capítulos.

O primeiro deles gira em torno da questão da preparação de textos para o estudo da história de uma língua. O exemplo dado pelos autores é bastante factual: um avô recebe uma mensagem, equivocadamente, e pede ajuda a seu neto para entendê-la. Num primeiro momento, estando sozinho em casa, o avô transcreve o conteúdo da mensagem em uma folha de papel, de maneira fiel e literal, para não perder nenhuma parte do conteúdo. O neto, logicamente mais jovem, não tem a mesma dificuldade de entendimento, uma vez que compartilha das práticas de escrita usadas pelo emissor (uma jovem chamada Ana). As dificuldades do avô, o neto supõe, podem ter fundamento no uso de abreviaturas por ele desconhecidas. Para ajuda-lo nesse sentido, o jovem elabora uma lista em que mostra as abreviaturas e suas definições. A partir desse exemplo, os autores dão a partida para a explicação sobre as dificuldades enfrentadas para entender um texto, tais como oscilações na grafia, emprego inadequado de pontuação, uso indevido de maiúsculas e minúsculas, entre outras. Esse exemplo é dado justamente para mostrar e exemplificar o trabalho de um filólogo, definido pelos autores como aquele profissional responsável por preservar e preparar textos para que possa ser submetido a análises linguísticas. Isso contribui para que um público leigo na área entenda o *labor filológico*. Partindo daí, os autores apresentam um texto novecentista e traçam em torno dele uma análise parecida com a feita com a mensagem, explicando, por fim, que se trata de um bilhete deixado por uma mulher a seu amante, acolhido por ela e seu marido por estar desempregado e não ter onde morar. Saber desse contexto, inclusive, é importante para que possamos entender melhor qualquer texto que analisaremos.

O segundo capítulo, finalmente, aborda o período medieval. Os autores, com razão, afirmam que ‘trabalhar com manuscritos do período medieval supõe um grau maior de dificuldades de leitura’ (pg. 55), em comparação com o bilhete do capítulo anterior, datado de 1908, uma vez que leitores contemporâneos encontrarão um padrão de escrita pouco familiar, diferente do atual. Aqui, o texto

escolhido é parte do *Cancioneiro da Ajuda*, que pode ser encontrado digitalizado e transcrito em um site, cuja consulta recomendamos, uma vez que é repleto de anotações e comentários, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa (vide *Obras e recursos citados*). Os pesquisadores sugerem uma proposta de leitura, dividida em níveis de compreensão (literal e literária), o que julgamos ser importante e relevante, medida podendo ser adotada por estudiosos da área em geral. Primeiramente, devemos ter atenção à decodificação do texto, trabalhando com aspectos filológicos e paleográficos, no campo da compreensão literal.

Essa análise inclui a observação de fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais do período medieval da língua. Seguem-se várias páginas, ricas em detalhe, sobre as questões envolvidas em tal observação. Este é um capítulo importante, também, porque explicita ao leitor os diversos tipos de edição que um texto pode ter: além da diplomática, que já definimos, há também a semidiplomática (que mantem o texto em sua fidedignidade, mas com certas intervenções) e a modernizada (uma adaptação, com mudanças feitas para que o texto esteja escrito nos padrões contemporâneos da língua, sem marcas temporais, envolvendo, por exemplo, o desenvolvimento de abreviaturas e a substituição de palavras arcaicas que caíram em desuso). Os autores, aqui, sugerem uma prática que envolve a adaptação de uma cantiga medieval para uso em sala de aula, com alunos que muito provavelmente não entenderiam o texto original, o que revela como conhecimentos de crítica e edição textuais são úteis para profissionais da educação, em especial os professores de Literatura. Também é outra comprovação de que o livro também deve ser usado por docentes da educação básica, não somente por estudantes de Filologia e/ou História da Língua no ensino superior.

Estes dois são os capítulos que formam a primeira parte do livro. A segunda, por sua vez, intitulada *O labor histórico-linguístico: da história externa à história interna dos textos*, é dividida em quatro capítulos.

O primeiro deles, *O labor histórico*, aborda os procedimentos que devemos usar quando analisarmos textos antigos, tendo fundamento na interpretação dos textos a partir da sociedade em que eles foram produzidos. Estes podem auxiliar a entender mais sobre o contexto do texto e seus posteriores comentários. Esses últimos, geralmente, envolvem quatro fases principais: a preliminar, que envolve as primeiras leituras atentas, através das quais reconhecemos o conteúdo geral do texto e suas referências mais importantes, além da reunião de bibliografia, isto é, as bases em que nos apoiaremos para sustentar nossos

comentários. Esta fase termina quando o estudioso decide qual método seguirá em sua análise. Os autores propõem três desses: um linear (também chamado ‘linear’ ou ‘progressivo’), que segue rigorosamente a ordem do texto, as referências encontradas ao longo do texto que serão alvo dos comentários; o método lógico, que organiza os comentários por temas e referências principais, sem ter em consideração a linearidade textual; e, por último, há o método chamado misto, uma combinação dos dois anteriores.

Parte-se então para comentários sobre a fase de informação, que se refere à sistematização de dados sobre o texto que são fundamentais para contextualizá-lo. Para isso, devemos considerar a natureza do texto – aqui achamos relevante destacar os exemplos de Juanjo Romero (pg. 105), que envolvem critérios políticos, sociais, historiográficos, entre outros. Aqui, é de sumária importância identificar com precisão o autor do texto, o que é em muitas ocasiões dificultado por vários motivos, como a autoria anônima. Para os autores de *Filologia* (pg. 106), uma vez reconhecido/os o/os autor/es do texto escolhido para análise, seria bom o estudioso desenvolver uma pequena nota bibliográfica, a qual pode ir para uma nota de rodapé, em que se traça um pequeno comentário sobre seu contexto social e, caso julgue relevante, mencionar outras produções suas.. Em nosso julgamento, esse trabalho é importante pois faz com que leitores futuros possam entender mais sobre possíveis questões de estilo, escolha lexical, entre outros fatores, presentes na obra. Há, então, comentários sobre o contexto de produção textual, levando em consideração o ‘enquadramento espaçotemporal’ (palavras dos autores) do texto, o que inclui o local geopolítico (uma cidade, uma vila, etc.) de produção, o local social (alguma instituição estatal, a Igreja, uma comunidade, etc.), e a época de produção. Por último, há dados sobre o destinatário, entidade a que ou a quem o autor espera alcançar, o que poderíamos chamar de ‘público-alvo’ do texto, e a intencionalidade, as intenções que o texto visa cumprir. Após fazermos todas essas considerações, parte-se então para a fase de análise e explicação, o que constitui o coração do comentário. Por esse mesmo motivo, ressalta-se, deve-se ter mais aprofundamento e desenvolvimento. Concluindo, há uma fase final, que envolve a síntese interpretativa final do documento, de modo que seu sentido final possa ser estabelecido. É neste momento que consideramos a relevância do texto para a compreensão do contexto em que ele se insere.

A partir daí, entre as páginas 108 e 125, os autores propõem uma articulação entre teoria e prática, realizando uma análise bastante detalhada e aprofundada sobre o testamento de D. Afonso II, rei de Portugal de 1211 a 1223. Esta

análise ajuda os leitores a entenderem como uma leitura de textos históricos deve ser realizada. Achamos isso louvável, uma vez que também auxilia a fixar os conteúdos previamente abordados no capítulo.

O capítulo 4, *O labor linguístico (I)*, entra, enfim, nos níveis grafemáticos e fonéticos-fonológicos. Os autores se embasam em tratados conhecidos da história da língua portuguesa, como o de Paul Teyssier (a edição mencionada é a de 2001). Para esse estudo, dizem, é recomendável trabalhar com edições diplomáticas, promovendo quando necessário o cotejo, isto é, uma comparação com o fac-símile do manuscrito. Acreditamos que isso seja importante, uma vez que para trabalhar com textos antigos, necessariamente precisamos da edição original, conforme escrita pelo autor, sem interferências ou edições de terceiros. Os autores novamente realizam uma análise de parte do testamento supracitado, não de sua totalidade, mostrando uma reprodução do manuscrito do documento, além de uma transcrição. Há então uma série de comentários dos mais variados tipos, discorrendo, por exemplo, sobre o uso de uma letra ‘p’ cortada por um traço como abreviação da preposição ‘per’. Há também atenção voltada para questões como polimorfismo gráfico, isto é, emprego de duas formas para grafar uma mesma palavra, e vocábulos que, no texto, são sempre abreviados. Porém, há termos que são usados vez abreviados, vez desenvolvidos e grafismos latinos, tais como *regno*. Deve-se destacar que os autores usam comandos para motivar os leitores a reler o texto e perceber nele as características mencionadas. Há também comentários sobre nasalidade, hiatos e consonantismos, fenômenos todos extensamente detalhados e definidos.

O capítulo 5, *O labor linguístico (II)*, propõe uma análise de aspectos morfossintáticos, ainda do *Testamento*. Estes incluem o uso vacilante de *ser/estar* e *haver/ter*. Também há comentários sobre o uso do verbo *ser* com o particípio passado, além dessa mesma construção com os verbos *haver* e *ter*. Seguem-se subcapítulos sobre pronomes anafóricos, demonstrativos e possessivos e preposições. Aqui, destacamos o subcapítulo 5.10, que explica as mudanças morfossintáticas por que a língua passou em seu desenvolvimento, desde o latim. Julgamos que esse seja de especial relevância para interessados na formação gramatical do português enquanto língua românica, uma vez que analisa as desinências de caso e as vogais temáticas latinas, mencionando o processo de simplificação morfológica ocorrido, inclusive destacando a reorganização do sistema de gênero gramatical, novamente detalhando o que ocorreu com os termos de todas as declinações e mostrando o que ocorreu com o neutro, noção inexistente na maioria das línguas românicas atualmente, ainda que elas

mantenham certas marcas dessa expressão. Sobre este assunto, salientamos que a explicação dos autores ajuda a entender a atribuição de gênero aos termos do português e como podemos organizá-los sistematicamente.

O último capítulo de *Filologia* complementa tópicos de morfossintaxe. Aqui, há outro foco: o texto a ser analisado não é mais o testamento de D. Afonso, mas sim a *Demanda do Santo Graal*, um texto literário medieval em prosa. Esta é uma tradução de uma novela francesa cujo tema era as aventuras do Rei Arthur, líder britânico que teria liderado a defesa da Grã-Bretanha contra invasores saxões, e dos cavaleiros da Távola Redonda, os homens da mais alta ordem da Cavalaria na corte de Arthur, entre os quais destacam-se Lancelot e seu filho Galaaz, destinado a encontrar o cálice em que o sangue de Jesus teria sido coletado na cruz, o *santo graal* do título. Sobre essa obra, os autores traçam comentários sobre o emprego do verbo *haver* em construções que indicam posse e existência; o uso de *ser* em construções que indicam existência, devendo ser interpretado como variante de *estar* e perífrases verbais construídas através de *ser, haver/ter* + participípio passado. Há também observações sobre o emprego do participípio passado de verbos da segunda conjugação, as desinências da 2ª pessoa do plural, as formas de tratamento, além de formas gramaticais derivadas do latino *ille* (aquele), colocação de clíticos e interpolação e o uso de *homem* para expressar indeterminação. Por último, há um comentário sobre conjunções encontradas ao longo do texto da *Demanda*.

Já dissemos, mas convém lembrar, que a obra deve ser louvada pelo seu nível de detalhamento e aprofundamento. Os autores dispõem de um extenso arcabouço referencial para embasar seus comentários, o que se revela nas sete páginas destinadas à seção de referências bibliográficas, dispostas entre as páginas 325 e 331. Estas incluem obras de nomes conhecidos na área, como Theodoro Henrique Maurer Junior, Rosa Virgínia de Mattos e Silva e Luís Felipe Lindley Cintra. Isso não quer dizer, porém, que a obra seja de difícil leitura: os autores usam um vocabulário acessível e ainda apresentam um glossário, o que ainda possibilita que não somente pessoas da área possam ler o livro. Concluimos, portanto, que *Filologia, história e língua* é uma obra importante e deveria, então, ser adotada na bibliografia de cursos de Letras, em especial por professores das cadeiras de História da Língua, Filologia e Crítica Textual, pois pode ser de boa valia para um estudo proveitoso, uma vez que auxilia alunos na tarefa muitas das vezes complicada de analisar textos manuscritos, mas não

como obra única, podendo e devendo ser usada como leitura complementar e/ou básica nessas aulas.

Juan Rodrigues da Cruz
Liceu Literário Português
Universidade Veiga de Almeida
academico.jrc@gmail.com